

ELEIÇÕES 2002

Senado Federal

Novos senadores mantêm suplentes em família

Filhos, mulheres e cunhados são indicados pelos candidatos eleitos para o cargo

ROSA COSTA

BRASÍLIA – O eleitor que escolheu dois senadores no último domingo favoreceu quatro outras pessoas que ele provavelmente nem conhece. Quem acredita que o fator multiplicador se deve ao poder do voto se engana. Trata-se, na verdade, de uma das aberrações da política brasileira, e atende pelo nome de suplente. Além de não precisar de votos para propor e aprovar as leis do País, o suplente de senador não precisa atender aos requisitos exigidos do titular.

Nesta eleição, a regra não fugiu à tradição e muitos dos suplentes são parentes ou financiadores de campanha dos titulares. E, também pelo costume da Casa, alguns desses suplentes assumirão em algum momento por um período, pequeno que seja, a cadeira titular, mesmo que o senador não esteja exatamente impedido de exercer a função. É uma cortesia comum ao suplente, principalmente quando ele é parente ou financiador de campanha, que tem os mesmos direitos – desde o salário de R\$ 8 mil e todas as regalias, como o

SUPLENTE
TEM DIREITOS
IGUAIS, ATÉ
O SALÁRIO

de nomear dez pessoas no gabinete, inclusive familiares.

Da nova safra de 54 senadores que tomarão posse em fevereiro, pelo menos cinco escolheram parentes como suplentes. O ex-governador do Piauí, Francisco de Moraes Souza (PMDB), conhecido por Mão Santa, traz agregada como primeira-suplente sua mulher, Adagilsa. Ele defende a escolha dizendo que não poderia se separar “da mulher amante, da mulher secretária”. O ex-presidente do Senado, Antonio Carlos Magalhães (PFL-BA), manteve na suplência o filho Antonio Carlos Júnior, que herdou o resto do mandato do pai quando ele renunciou em maio do ano passado.

Reeleito em uma acirrada disputa estadual, o vice-presidente do Senado, Edison Lobão (PFL-MA), trocou os dois suplentes do mandato que está acabando. Seu filho, Edison Lobão Filho, será seu substituto

nos impedimentos a partir do ano que vem.

Dois senadores tucanos também têm cunhados como suplentes. O do líder do governo na Câmara, Arthur Virgílio (AM), eleito para o Senado, chama-se Frank Luiz da Cunha Garcia, mas é conhecido pelo apelido de Be. Ele é ex-prefeito de Parintins. O cunhado-suplente do senador Teotônio Vilela (AL) é o usi-



Edison Lobão foi reeleito e indicou como um de seus suplentes o filho, Edison Lobão Filho

neiro João Tenório, apontado como uma das grandes financiadores de campanhas políticas no Estado.

Difícil mudança – Nos últimos anos, todas as tentativas de mudar o sistema de suplência no Senado foram derrubadas ainda na fase inicial de discussão, nas comissões. Foi o que ocorreu com a proposta do senador Eduardo Suplicy (PT-SP), que dava ao eleitor a chance de votar também nos suplentes. Toda vez que o assunto é levado à tribuna por al-

gum senador, a polêmica é enorme. Mas não passa do debate.

A prova de que a suplência de senador pode ser um bom negócio político é o quadro atual do Senado: há hoje 14 suplentes, sendo que oito deles chegaram lá por causa da renúncia do titular. Três “viraram” senadores por causa da morte dos donos das vagas, dois estão substituindo parlamentares licenciados e um ficou no lugar do senador Luiz Estevão, que teve o mandato cassado em junho de 2000.

Desses 14 suplentes, três ainda têm mais quatro anos de mandato.

Na nova legislatura, além desses três, pelo menos mais dois suplentes estão com futuro assegurado por mais quatro anos: os suplentes dos senadores Paulo Hartung (PSB-ES) e Paulo Souto (PFL-BA), eleitos governadores domingo. E outros dois ainda têm chance, se Lúcio Alcântara (PSDB-CE) e Álvaro Dias (PDT-PR) vencerem as disputas em seus Estados no segundo turno, dia 27.

Se o candidato à presidência do PT, Luiz Inácio Lula da Silva, se eleger, será aberta a suplência de seu vice, José Alencar (PL-MG). O feliz receptor de quatro anos de um mandato por Minas Gerais será o ex-prefeito de Iturama Aelton José de Freitas. O suplente afirma que a credibilidade que conquistou dos moradores de sua cidade o credencia para o cargo de senador.

Rigor – Em uma primeira avaliação, os partidos de oposição levam mais a sério a escolha dos suplentes de senadores. Até porque a indicação é feita, obrigatoriamente, pelo diretório regional do partido, e não pelo próprio candidato.

Reeleita, a senadora Marina Silva (PT-AC) é uma das que seguem rigorosamente o modelo de preferência partidária. Seu primeiro suplente é o presidente estadual do partido, Sebastião Oliveira, conhecido por Sibá. O segundo suplente é o índio Antonio Apurinã. Ele traz no sobrenome o nome da nação a que pertence, hoje representada por uma população de apenas quatro mil pessoas, que vive em Boca do Acre, na fronteira com Amazonas. Apurinã é do PC do B, partido aliado ao PT em seu Estado.

Apurinã saiu-se mal nas urnas em 1998, quando tentou se eleger vereador, mas agora afirma que está “preparado”, se tiver de exercer o mandato de senador. “Para um apurinã, é motivo de alegria e surpresa virar suplente da senadora Marina”, afirma.

José Paulo Lacerda/AE